

**UNIVERSIDADE DE UBERABA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO
DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO PROFISSIONAL**

JANE EYRE ALVES BEZERRA

A ALFABETIZAÇÃO SOB NOVOS ENFOQUES

UBERLÂNDIA – MG

2021

JANE EYRE ALVES BEZERRA

A ALFABETIZAÇÃO SOB NOVOS ENFOQUES

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação Básica: formação docente para a educação básica da Universidade de Uberaba (PPGEB/UNIUBE), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Osvaldo Freitas de Jesus

Linha de Pesquisa: Educação Básica: Fundamentos e Planejamento

UBERLÂNDIA - MG

2021

Catálogo elaborado pelo Setor de Referência da Biblioteca Central UNIUBE

Bezerra, Jane Eyre Alves.

B469a A alfabetização sob novos enfoques / Jane Eyre Alves Bezerra. –
Uberlândia-MG, 2021.

51 f. : il. p&b.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Uberaba. Programa
de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação: Formação
Docente para a Educação Básica.

Orientador: Prof. Dr. Osvaldo Freitas de Jesus.

1. Alfabetização. 2. Escrita. 3. Métodos de ensino. 4. Letras. I.
Jesus, Osvaldo Freitas de. II. Universidade de Uberaba. Programa de
Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação: Formação Docente
para a Educação Básica. III. Título.

CDD 372.414

JANE EYRE ALVES BEZERRA

A ALFABETIZAÇÃO SOB NOVOS ENFOQUES

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em 15/03/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Osvaldo Freitas de Jesus
(Orientador)

Universidade de Uberaba – UNIUBE



Prof.^a. Dr.^a. Lara Brenda Campos
Teixeira Kuhn
Instituto Federal de Educação, Ciência
e Tecnologia do Triângulo Mineiro -
IFTM



Prof.^a. Dr.^a. Gercina Santana Novais
Universidade de Uberaba – UNIUBE

DEDICATÓRIA

À minha mãe Maria Alves de Freitas e ao meu pai Jaime Bezerra Lima por me dar a vida e as condições dentro de suas possibilidades e esforços para que eu pudesse trilhar a vida acadêmica.

Ao meu esposo Bertone Batista de Meneses, por ter me despertado, incentivado e me levado a alçar um voo mais alto.

Aos meus filhos, Efraim Bezerra Candido e Benjamim Bezerra de Meneses, onde encontro motivação, força e coragem para não desistir da luta em busca de ascensão profissional como ferramenta de melhorias das condições de os educar e deixar como legado e exemplo, servindo de inspiração, determinação e foco em suas vidas acadêmicas, pessoais e profissionais.

E em especial ao meu orientador professor doutor Osvaldo Freitas de Jesus por tudo, tudo mesmo, pois seus ensinamentos e exemplos na missão da docência foram além dos conteúdos curriculares, foram ensinamentos para a vida, motivo de admiração, inspiração e gratidão.

Consagre ao Senhor tudo que você faz, e seus planos serão bem-sucedidos.

Provérbios: 16, 03

AGRADECIMENTOS

O meu primeiro e eterno obrigada a Deus, fonte de amor, abrigo e cuidados minuciosos para comigo, sabendo eu que tudo emana Dele, tudo é Dele e para Ele, darei sempre as primícias em louvor, adoração e gratidão por todas as dádivas a mim dispensadas.

Ao meu esposo que foi o grande responsável por me incentivar, encorajar e me conduzir às Minas Gerais para que eu pudesse vivenciar um sonho antigo que estava adormecido, e por ele conhecido e despertado, o almejado mestrado.

À minha genitora, mulher simples, exemplo de garra, esforço e perseverança, qualidades essas e outras mais que a fizeram vencer o desafio de me criar, educar e me conduzir no caminho do bem, da honestidade e do esforço, como ferramentas para as conquistas pessoais e profissionais.

Ao meu estimado, admirável e grande intelectual orientador professor doutor Osvaldo Freitas de Jesus, homem íntegro, ético, humano, comprometido com a educação e a docência e de uma solidariedade, caráter e sapiência imensuráveis, não mediu esforços nem tempo para me ajudar do princípio ao fim do curso e dessa pesquisa e dissertação, cuja sem essa parceria jamais teria conseguido.

Aos colegas e às colegas da turma 4, em especial, Nayara Guerra e Juliana Ribeiro, companheiras, pelo apoio e por engajar-me como membro nas equipes de seminário e demais ajudas mútuas.

A todo corpo docente da UNIUBE Uberlândia na pessoa da querida e inesquecível ex. professora doutora Luciana Beatriz Oliveira Bar de Carvalho, por todos os saberes e conhecimentos a nós transmitidos no processo investigativo a cada aula, a cada disciplina cursada.

À nossa competente secretária Rosa Maria Bettio, por sua disponibilidade a cada pedido de ajuda e por toda sua dedicação e empenho em sua função que vai além, principalmente quando eu em particular precisei de divã e força. Também não posso deixar de registrar a minha gratidão a nossa ex-secretária Juliana Patrícia Pacheco que desempenhou sua função com afinco e maestria, cuja a vida nos encaminhou para uma amizade que pretendo cultivar e levar pra vida inteira.

A uma amiga que entendo como provisão e presente de Deus em minha vida, Daniela Neumam, por tudo que fez por mim, pelas viagens como minha motorista de Nova Ponte para UDI, fosse para consultas pré-natal, exames, aulas, enfim, para toda e qualquer viagem que precisei, mas, principalmente por ser colo acolhedor e berço de oração, intercessão e diálogos sem hora para me socorrer.

A cada pessoa que me ofereceu hombridade de forma direta ou indiretamente, em terras alheias de Nova Ponte onde residi por um período de um ano e meio de muitos desafios e aprendizados em todos as áreas na minha vida.

De uma maneira muito singular e especial, aos meus amigos e amigas conterrâneos da minha amada terra natal, pelas orações e por cada palavra de carinho, ajuda, força e incentivo as quais foram de grande valia ao almejado mestrado.

UM PENSAMENTO

Das conquistas do ser humano no planeta Terra, nenhuma o diferenciou tanto quanto a linguagem. A língua permite a comunicação entre os seres humanos e funciona como veículo condutor do pensamento. Para Jürgen Habermas, o ser humano está de tal modo encrustado nas teias da linguagem, que fora dela, ele perde sua dimensão de criador do sentido. Por essa razão, aqueles que falam, escrevem, utilizam dos gestos ou do tacto como sistemas simbólicos, todos expressam-se e pensam por meio dessa capacidade especial, que é a linguagem. A escrita merece destaque, porque ela é a guardiã do sentido no tempo. Ela estabiliza a informação e o conhecimento. Por isso, alfabetizar é algo muito sério na educação das crianças.

JEAB/OFJ

RESUMO

No texto dessa dissertação e produto, propõe-se um reexame de questões antigas da alfabetização, isto é, do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita. Mesmo tendo diminuído o número de analfabetos no país, ainda assim a questão está longe de ser resolvida. Segundo o IBGE 2018, 6,8% dos brasileiros acima de 15 anos ainda não leem e não escrevem. A pesquisa está inserida na linha **Educação Básica: Fundamentos e Planejamento**. Do ponto de vista da metodologia, sua concepção teórica está alicerçada na dialética clássica, ou seja, na crítica que produz seu contraponto, em busca de nova síntese. Seu enfoque é qualitativo e está vinculada ao projeto de pesquisa, intitulado FORDAPP. Dentre os autores que compuseram o quadro teórico desta pesquisa, estão Soares (2017), Chomsky (1999), Vygotsky (2020), Piaget (1971), Bruner (1999) e Ferreira & Teberoski (1998). Como argumento principal, nessa dissertação afirma-se que aos alfabetizadores faltam conhecimentos básicos de linguística, sem os quais torna-se difícil explicar aos alfabetizandos a estrutura da estrutura fonológica da língua. Mais ainda, fica difícil explicar que o sistema de escrita não é o sistema de fala. Os sons (fonemas) pertencem aos processadores neuronais auditivos e as letras (grafemas) pertencem aos processadores neuronais visuais. Por serem diferentes, os dois sistemas exigem tempo e atividades para se reconhecerem e se unificarem. Quando alfabetizadas, as pessoas, as crianças ou adultos, estabelecem equivalências funcionais entre os fonemas e os grafemas. Este trabalho será combinado em um texto resumido, a ser disponibilizado aos alfabetizadores.

Palavras-chave: Métodos. Alfabetização. Escrita. Letras.

ABSTRACT

The objective of this research is to reexamine some old questions which have been put to the theory of literacy. In Brazil, though the number of illiterates has decreased, it still scares, since 6,8% of the Brazilians above 15 years old can neither read nor write. This research is bound to the line “Educação Básica: Fundamentos e Planejamento”, in the Professional Master of Education in the University of Uberaba. In addition, it is linked to a major project of research, named FORDAPP, that is, Formação Docente e Direito de Aprender e Práticas Pedagógicas, registered in the site of CNPq. It is a qualitative research, having as support authors, such as, Magda Soares, Noam Chomsky, Lev Vygotsky, Jerome Bruner, Jean Piaget and Emília Ferreiro. As results, some concepts of method of teaching literacy have been reviewed and a new understanding of the role of graphemes and their identification in the structure of the written language has also been carried out. The small letters of the alphabet have been described, in terms of their distinctive traits. Supposedly, this may be the major contribution of this research because the letters of the alphabet themselves have not aroused the attention of researchers.

Keywords: Method. Illiteracy. Alphabet. Graphemes.

LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS

CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa

DNA – Ácido Desoxirribonucleico

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ERIC – Educational Reservoir International Center

FORDAPP – Formação Docente Direito de Aprender e Práticas Pedagógicas

IPA – International Phonetic Alphabet

MLP – Memória de Longo Prazo

UFMG – Universidade Estadual de Minas Gerais

UNIMONTES – Universidade Estadual de Montes Claros

UNIUBE – Universidade de Uberaba

UVA – Universidade Estadual do Vale do Acaraú

SUMÁRIO

Memorial.....	12
Introdução.....	20
Seção 1.....	24
Seção 2.....	28
Seção 3.....	34
Referências.....	41
Produto.....	52

MEMORIAL

As bênçãos

Não tenho a anatomia de uma garça pra receber
em mim os perfumes do azul.
Mas eu recebo.
É uma bênção.

Às vezes se tenho uma tristeza,
as andorinhas me namoram mais de perto.
Fico enamorado.
É uma bênção.

Logo dou aos caracóis ornamentos de ouro
para que se tornem peregrinos do chão.
Eles se tornam.
É uma bênção.

Até alguém já chegou de me ver passar
a mão nos cabelos de Deus!
Eu só queria agradecer.

Manoel de Barros

A autoria nasce da vivência, da experiência e da criação. Por serem subjetivas, requerem iniciativas que as tornem intersubjetivas. O memorial disponibiliza a vivência e mostra como a experiência transforma o autor, dando significado ao processo de constituição do mesmo como sujeito no mundo. A voz que fala ou canta, a mão que escreve, pinta e constrói, deixam pistas da autoria e, por isso mesmo, são decisivas para a recepção do sentido. Por essas razões, buscarei no tempo as lembranças que me trouxeram para o espaço que ocupo com as pessoas que fazem parte de meu inestimável mundo.

Escrever sobre minhas memórias, “é entregar-me à emoção que cada pequena coisa contém ou suscita. É expor-me a todas as experiências e todos os riscos, não só de ordem - física, mas, sobretudo, de ordem espiritual”, suscita Meireles, em crônicas de viagem. É viver um misto de tristeza, alegria, dor, desafios e de superação, mas, acima de tudo, é ter a experiência que Deus sempre esteve á frente da minha vida nos mínimos detalhes.

Nasci no dia 16 de fevereiro de 1977, em Piquet Carneiro, sertão central do Ceará. Sou filha primogênita de Maria Alves de Freitas e Jaime Bezerra Lima, sendo eu do primeiro relacionamento de minha mãe, tenho mais 3 irmãos de posteriores relacionamentos. Nos relatos da minha mãe, conheci histórias de quando era bebê,

quando passei por alguns problemas de saúde. Como se costumava fazer na vida do sertanejo, quando alguém se encontra muito enfermo, prestes a falecer, colocava-se uma vela acesa em sua mão para alumiar seu caminho na outra existência, são as marcas da religiosidade no sertão central nordestino, como nos diz Euclides da Cunha, em sua obra *Os sertões*: “*O sertanejo é, antes de tudo, um forte*”.

Minha mãe era proprietária de uma pensão, mas especificamente, por muitos anos a única da pequena cidade. Lembro-me de como ela era ocupada, como trabalhava dia e noite, para atender 18 hóspedes fixos e mais alguns que eram de outras cidades e que prestavam serviços em Piquet Carneiro. Por ser “mãe solo” e procurar não nos deixar faltar nada, não tinha tempo para nos dedicar, nos cuidar e mesmo precisando sempre da ajuda dos outros, em raros momentos de descanso nos dava carinho.

Fui cuidada por muitos anos por um anjo da guarda, que era filha de uma senhora que trabalhava com a minha mãe; seu nome era Antônia Regina Fernandes e aprendi a chamá-la carinhosamente de Ina, apesar de ser mais velha que eu 10 anos, ou seja, ainda novinha encarou o desafio e a responsabilidade. Ela me contava que aos três anos eu me encantara pela farda da escola(uniforme). Como eu não tinha idade, para frequentar a escola, a alternativa foi minha mãe mandar fazer alguns uniformes para eu usar. A Ina também compartilhou comigo do prazer que ela tinha em me arrumar todas as tardes para passear comigo, adorava fazer crespos no meu cabelo loiro com cachos dourados. Ela me falava que eu ficava parecendo uma bonequinha.

Apesar do encanto pelo uniforme, gostava de brincar de escolinha com a Ina. Chegada à idade de estudar, quando assim comecei, não foi fácil para mim e nem para algumas professoras. Eu era uma criança inquieta, carente, com uma enorme dificuldade de aprendizagem como chamava lá em nossa região eu era “rude” e que ainda por cima adoecia frequentemente. Tenho gravado nitidamente em minhas lembranças algumas professoras que marcaram o início e o decorrer da minha discência. Uma delas e a tia Ivinha a minha primeira professora aos meus 5 anos de Idade.

A sala de aula era um puxado de sua casa, as carteiras de madeira, cujos assentos eram de tábuas afastadas uma da outra e por este motivo levávamos uma almofadinha para minimizar o desconforto. Gostávamos de pedir para ir ao banheiro com frequência, mas certo dia de tanto sairmos, muito nervosa a professora falou em alto e grosseiro tom

que ninguém iria ao banheiro, se estivesse realmente com necessidade que o fizesse na carteira, o tempo passou e a vontade aumentou, eu não aguentei, fiz minhas necessidades fisiológicas ali mesmo e outra colega não sei se por vontade ou nervosismo, também acabou fazendo suas necessidades fisiológicas em sala de aula também. Pelo fato nada comum ela tomou como aprendizado e não nos proibiu de irmos ao banheiro.

Antes de terminar o ano letivo fiquei muito doente, passados alguns dias minha mãe me levou às pressas para Fortaleza, pois minha fisionomia denunciava algo muito sério. Após vários exames fui diagnosticada com hepatite A, o tratamento foi rígido e muito demorado, quando voltei a estudar depois do meio do ano seguinte, a professora era a tia Lurdinha, numa pequena sala emprestada das repartições da igreja católica. Éramos muitos, mas com seu jeitinho amoroso procurava sempre dar o seu melhor.

Passados alguns meses fomos estudar em outro local, bem mais espaçoso, o Círculo Operário, prédio histórico em minha cidade. A tia Lurdinha percebendo minha dificuldade para aprender, chamou minha mãe para conversar. Minha mãe fora em sua vida apenas alfabetizada, não conhecia muito das letras e menos do vezo professoral, também não dispunha de tempo, pois o serviço da pensão a consumia, mas seguiu o conselho da tia Lurdinha, colocou-me para estudar com uma professora particular, hoje fala-se professora de reforço.

Mais um anjo em minha vida, a tia Cilmará, com sua paciência, sua voz meiga e seu jeitinho doce e carinhoso me encantavam, conseguia prestar atenção e nasceu em mim o desejo de aprender. Mais uma vez a doença me acometeu e interrompi meus estudos, dessa vez caxumba. Quando melhorei retornei às aulas. A tia Cilmará era noiva e estava se preparando para se casar, não poderia continuar com as aulas particulares. Várias professoras particulares passaram em minha vida estudantil, minha mãe lembrou que a última opção seria a tia Toinha da palmatória.

A única que poderia me fazer “desasnar”, ou seja, alfabetizar. Ela não hesitou e sem pena e dó me colocou nas mãos daquela senhora que apresentava seus sessenta anos, corcunda devido ao um problema na coluna cervical, dona de um olhar forte que nos causava medo. E foi na tia Toinha da palmatória que minha mãe depositou a esperança para que eu aprendesse a ler e a escrever e assim poder acompanhar a turma

da segunda série, pois já contava nove anos. Não sei, mas consegui me alfabetizar. Dona Toinha, palmatória, milagre, enfim, por um processo doloroso, fui alfabetizada.

Assim, fora da faixa etária escolar, continuei meus estudos como escolar na rede pública, mas me esforçava muito para aprender, era muito interessada gostava de pedir ajuda, principalmente, quando não sabia resolver os deveres de casa. Quando cheguei na 6ª série tive uma experiência dolorosa com a professora de matemática, já tinha dificuldade nessa matéria, depois de ser tratada de forma preconceituosa pela professora Paula de Cássia aumentou meu trauma, a professora me discriminava por ser filha de uma mulher mãe soleira de 4 filhos de pais diferentes.

Quando cheguei ao segundo ano do ensino médio, minha mãe, provedora da família, adoeceu, precisou cessar suas atividades laborais, como era autônoma, dela provia tudo, infelizmente, fechou o restaurante. Eu como era a mais velha dos filhos me dispus a ir para Fortaleza, contra a vontade dela, para conseguir trabalho. Passei algum tempo trabalhando com a minha tia em seu pequeno comércio, depois trabalhei como balconista em uma bomboniere e por último como secretária numa fábrica de reboques. Essas experiências trabalhistas vividas em Fortaleza foram de março de 1997 a setembro de 1998. Em 1999 consegui concluir o ensino médio na Escola Estadual Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, em minha cidade, Piquet Carneiro.

Naquele mesmo ano, soube de uma seleção para professor de jovens e adultos de um programa nacional chamado alfabetização solidária. Informei-me como seria a seleção, fiz a inscrição, poderia concorrer a uma vaga para a localidade de Boa União, na zona rural, comunidade em que a família do meu pai residia e onde vivi boa parte da minha infância. Fiz a prova muito entusiasmada, pois enxerguei naquela oportunidade a grande chance de viver algo impactante para a minha vida familiar e profissional.

Conto um pouco do processo de seleção. A prova continha 10 questões de português e 10 questões de matemática, convicta de ter feito uma boa prova. Resumidamente, tentaram usurpar o meu ingresso no programa de alfabetização, mais por via do destino consegui uma vaga para a primeira etapa do programa em nossa cidade. Fiz 4 cursos de alfabetização pela UNIMONTES, Universidade Estadual de Montes Claros, norte de Minas Gerais. O programa durou dois anos, de 1999 a 2000, na

segunda etapa me destaquei entre as professoras e fui escolhida para ser monitora pedagógica.

Em 2001, tive a oportunidade de ser contratada com o cargo comissionado pela prefeitura local, para ser coordenadora da creche. Em 2002, fiquei sabendo um dia antes de encerrar as inscrições para o vestibular de licenciatura em pedagogia na cidade vizinha de Acopiara. Providenciei a documentação necessária e me escrevi. Concluí a pedagogia em Regime Especial pela UVA – Universidade Estadual Vale do Acaraú em 2004.

Em 2007 prestei o concurso público municipal da Prefeitura de Piquet Carneiro para professora da educação infantil, passei e fui nomeada em maio de 2008. Em 2008, meu último ano como diretora da Creche João Paulo II, ingressei em uma Especialização em Educação Infantil, o meu desejo. Embora a cidade em que encontrei a especialização fosse mais distante do que a da graduação; não pensei duas vezes e me dispus a realizar meu sonho. Dediquei-me muito a educação infantil e aprendi a amá-la.

Em 21 de março de 2010 concluí a especialização em educação infantil. Ano marcante em minha vida, fui acometida por uma depressão. Fui levada para a casa da minha tia em Fortaleza de lá fui para São Paulo visitar minha irmã mais nova e acabei ficando dois anos e meio, retornei em 2013. Retomei meu concurso como professora de educação infantil.

Em setembro do mesmo ano, encontrei meu primo, fomos criados juntos e separados por ele ter ido embora. Um namoro de criança de faz de conta se concretizou na vida adulta, com um ano e dois meses de relacionamento engravidei. Foi uma gestação de alto risco e puro desafio. Separei-me logo depois da descoberta da gestação. À medida que meu amor por meu filho aumentava, aumentavam os desafios de criá-lo sozinha; veio-me à tona os traumas de ter sido criada sem pai, estava cada vez mais aflorado em mim.

Meu sonho era ser mãe, ser mãe, viver num lar estruturado, vir meu filho crescer com amor, carinho e ser cercado de cuidados, enfim, com as broncas de um pai presente. Nunca desacreditei e nunca perdi a esperança de viver uma história de amor e de ter minha família.

No dia 3 de junho de 2017, ao sair do planejamento escolar fui encontrar duas primas amigas no clube do Lelê, após quase três anos sem sair para diversão, lá, conheci um rapaz, depois de muitos desafios se tornaria meu esposo, em 22 de dezembro de 2017.

Em julho de 2018 viajei para Minas para conhecer a família dele. Ele estava com seus pais, trabalhando, pois não havia conseguido serviço no Ceará e estava com muita dificuldade de se adaptar.

Mas como acredito que Deus sempre cuida de mim nos mínimos detalhes, tudo foi providência Dele para despertar meu antigo sonho de cursar um mestrado. Sabendo ele que eu tinha direito a uma licença remunerada para qualificação. Encorajou-me a participar da seleção do curso de mestrado.

Encontrou a UNIUBE através da internet, anotou o telefone e, a partir de vários telefonemas obteve informações sobre o processo de seleção. Fiz minha inscrição, elaborei meu projeto de pesquisa; estudei o livro indicado para prova, entrevista, por fim, ingressei na Universidade para o mestrado, graças a Deus.

Retornei de férias para Ceará com os meus filhos Efraim; meu esposo ficou na casa dos seus pais, trabalhando em um serviço temporário aguardando para ser chamado para trabalhar na Duratex.

Não foi fácil, recém casada, ficar longe do meu esposo, não foi fácil trabalhar o dia todo chegar em casa cansada e estudar de uma hora e quarenta minutos a duas horas todos os dias, não foi fácil deixar meu filho por duas vezes próximas uma da outra para fazer as provas em Uberlândia, não foi fácil o cansaço físico, mental e emocional de fazer e esperar os resultados. Clama Meireles: “a vida só possível reinventada. Anda o sol pelas campinas e passeia a mão dourada pelas águas, pelas folhas... mas a vida, a vida, a vida, a vida só é possível reinventada.”

Mas, mais difícil mesmo foi deixar minha família, amigos, casa, minha zona de conforto e me mudar de “mala e cuia” para outro estado; enfim, só conseguimos grandes objetivos com grandes sacrifícios. Como meu esposo diz: “Eu sou culpado por você estar aqui hoje realizando um sonho, pois você estava acomodada e só pensava em se aposentar.”

Eu não tinha noção do que era cursar um mestrado profissional em educação. A cada dia me convenço mais que tão pouco sei, ou nada sei, parafraseando Sócrates.

Em Uberlândia já realizando meu sonho, cursando o mestrado, veio minha segunda gravidez, estava para nascer meu Benjamim, não foi fácil toda essa vivência nos bancos acadêmicos grávida, não me sentia bem, tinha problemas na gestação, mas firme e forte, encontrei pessoas boas e acolhedoras que me ajudaram bastante, tive que me afastar da universidade, nessa jornada, em terras distantes da natal caminhava amparada no apoio de meu esposo, dos amigos que deixei e dos amigos presentes. Retornei a academia, e logo em seguida fui, fomos todos nós brasileiras, brasileiros estrangeiros, o mundo inteiro fomos surpreendidos por uma pandemia viral da covid 19 que nos afastara do contato e das aulas presenciais, eu que estava a cursar a última disciplina, eu que precisava recuperar o tempo perdido, mergulhei na leitura de livros, apostilas, bebia toda a literatura educacional. Obtive muita ajuda carinhos, mãos amigas que estendidas me auxiliavam. Superei mais uma etapa de minha vida.

Nessa árdua jornada, cá estou de volta ao meu amado nordeste, ao meu amado estado Ceará e à minha amada terra natal Piquet Carneiro-CE, para dar continuidade ao mestrado de forma remota, mas tendo a atenção e as orientações necessárias para logo mais concluí-lo, mas, gratificante desenvolvo proposta para a pesquisa em alfabetização, leitura e escrita. Lembro-me do dia que mais tremi na minha vida, foi o da entrevista para o mestrado. Ressaltei que iria precisar de muita ajuda, reforcei ao meu orientador, professor doutor Osvaldo Freitas de Jesus esse apelo. Mui grata sou pelo incentivo, apoio e orientação do meu professor, reforço nas palavras de Drummond: gratidão, essa palavra-tudo.

Quero desenvolver uma boa pesquisa e assim contribuir com meu trabalho docente, engrossar as fileiras de tantas boas pesquisas acadêmicas, para uma educação de qualidade, equidade, respeito e engrandecimento à vida profissional de muitos educadores e educadoras por esse país continental, para fazer a diferença na existência dos educandos e educandas, retirá-las da escuridão da ignorância para a luz do saber na busca de melhoria da vida de cada um.

Por fim, evoco Cora Coralina: “saber viver... Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita,

alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que sacia, amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo: é o que dá sentido à vida”. Foi o que encontrei nas minhas andanças por Uberlândia, nas ruas, bairros, nas pessoas, nos amigos, em meus mestres, esse valor pela vida, esse acolhimento que faz e traz consigo a diferença. Minha vida resumidamente posta, um livro com muitas páginas ainda em branco para serem escritas, contadas e cantadas; sou eu, agradecida por tantos que fizeram e faz parte dessa história de gente, simplesmente, gente. Muito obrigada!

Introdução

Justificativa

O Brasil, segundo o IBGE, 2018, ainda não conseguiu equacionar o problema do analfabetismo, pois 6.8% da população brasileira ainda não sabe ler e escrever. Mesmo que seja menor, já que na primeira metade do século passado, aproximadamente 55% da população brasileira era analfabeta (VIEIRA, p. 120), o número atual é maior que toda a população de Portugal, que é de 10.500.000 habitantes.

Nos estados brasileiros, nos quais o IDH – o índice de desenvolvimento humano – é menor, o percentual de analfabetos é ainda maior, conforme dados do IBGE. Alfabetizar não é tão simples, como pode-se imaginar.

O analfabetismo alcança 10,3% dos idosos brancos e 27,5% dos pretos ou pardos. No Brasil, em 2018, havia 14.4 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade analfabetas, o equivalente a uma taxa de analfabetismo de **6,8%**. Em relação a 2017, houve uma queda de 0.1%, o que corresponde a uma redução de 212 mil analfabetos entre os dois anos. Quanto mais velho o grupo populacional, maior a proporção de analfabetos. Em 2018, eram quase 6 milhões de analfabetos com 60 anos ou mais, o que equivale a uma taxa de analfabetismo de 18,6% para esse grupo etário. (IBGE, 2018).

Em vista disso, a aprendizagem da escrita – a alfabetização – é fundamental na educação da sociedade urbana no Brasil. Sem saber escrever e ler, a própria cidadania corre perigo, pois a informação escrita está presente em todas as relações comerciais, industriais, políticas e mesmo educacionais. Na pandemia do COVID-19, as aulas remotas adquiriram nova força. O escrito combinou com o digital.

Boa parte dos alfabetizadores provem dos cursos de pedagogia, nos quais, a formação e a informação sobre os sistemas fonológico e grafemático da língua portuguesa é insuficiente. O conhecimento de fonologia não é o mesmo que o conhecimento de fonética. Na fonologia, estudam-se os traços distintivos da imagem fônica de cada unidade sonora, enquanto exercendo a função distintiva que lhe cabe. Na fonética, são estudadas as características físicas dos sons, por exemplo, a frequência.

A criança adquire o sistema fonológico da língua com muita facilidade. Parece que a natureza oferece disponibiliza uma capacidade especial, para adquirir um sistema

tão complexo. Aos 18 meses, uma criança já entende 15 palavras (PINKER, 1998) e aos 60 meses, ela entende 50.000 palavras. Ocorre nesse período uma verdadeira explosão linguística e cognitiva.

O mesmo não acontece com a aprendizagem da leitura e da escrita. O processo da alfabetização é mais complexo, porque o sistema fonológico interfere frequentemente na aprendizagem. Para que escrever, se já se fala a língua, valendo assim a lei popular do menor esforço?

Além disso, o sistema de escrita representa uma grande mudança cognitiva. Em vez de traços auditivos dos sons, tem-se o sistema de traços visuais dos grafemas. Para exemplificar: os fonemas /p/ e /b/ em “pato” e “bato” distinguem-se um do outro pela participação das cordas vocais no processo da fala.

No sistema falado, o “p” é surdo e o “b” é sonoro, isto é, conta com as cordas vocais em sua realização. Já no sistema escrito, o “p” é esférico, vertical-baixo e à esquerda, enquanto “b” é circunferente, vertical-acima e à esquerda. No caso, distinguem-se unicamente pelos traços “abaixo” e “acima” no traço de verticalidade.

Ora, essas sutilezas do sistema fonológico e grafemático não são normalmente parte do domínio teórico do alfabetizador. Soares (2017) mostra o quanto limita o alfabetizador a falta de conhecimentos linguísticos.

QUADRO 1 – artigos sobre alfabetização publicados

Ata de Publicação	Artigos
Em 2020	513
Desde 2019	1.336
Desde 2016 (últimos 5 anos)	3.769
Desde 2011(últimos 10 anos)	6.714
Desde 2001 (últimos 20 anos)	10.790

FONTE: Educational Resource International Center - ERIC

Como se pode depreender do exposto, a alfabetização permanece um desafio na sociedade. Por essa razão, só em 2020, um ano que ainda não terminou, 513 artigos constam do *Educational Resource Internacional Center - ERIC*. Estes artigos estão disponíveis em PDF e podem ser baixados sem maiores dificuldades.

Por ser uma área muito importante para a educação, como diz o provérbio italiano, “quem começa bem, já tem metade da obra”. Conhecer para ensinar melhor poderia ser o estribilho nessa pesquisa. Os objetivos dessa pesquisa estão estruturados assim:

Objetivos

Geral: Produzir um texto explicativo para os alfabetizadores, por meio do qual, eles possam se apropriar das bases linguísticas do português, para facilitar suas aulas de alfabetização em sala de aula.

Específicos:

Explicar a estrutura básica dos fonemas da língua portuguesa;

Explicar a estrutura básica dos grafemas da língua portuguesa.

Metodologia

Esta pesquisa, com enfoque qualitativo, apoia-se em leituras de autores importantes na área da linguagem e cognição, tais como, Magda Soares, Noam Avram Chomsky, Jerome Bruner, Lev Vygotsky, Jean Piaget, entre outros. O material, a ser construído, o produto, será uma síntese sobre questões da fonológica e da grafemática que possa auxiliar os alfabetizadores em sua tarefa de conduzir as crianças no processo da aprendizagem escrita.

Para Soares (2017, p. 296), os alfabetizadores necessitam de uma base linguística maior, para desempenhar seu papel em sala de aula. Para ilustrar essa afirmação, ela afirma: “considerando-se a ortografia do português brasileiro na perspectiva fonografêmica, ou seja, na direção da escrita, os cerca de 33 fonemas são apresentados por cerca de 22 letras e 7 dígrafos (excluídas as 26 letras do alfabeto e as

letras H e Q), as quais isoladas, não têm correlato sonoro, e as letras K, Y, W, por seu uso apenas em casos excepcionais, e em que 33 fonemas representados por 29 grafemas”. Informações e conhecimento desse porte não fazem parte da formação do alfabetizador brasileiro.

Espera-se, assim, ao final, produzir um conjunto de informações e de conhecimentos, a serem disponibilizados aos alfabetizadores, sobre as características do sistema fonológico e do sistema grafemático, de modo a facilitar o acompanhamento da aprendizagem da leitura e da escrita.

Esta pesquisa faz parte de um projeto maior, intitulado “**Práticas de Leitura em uma Escola Pública de Ensino Fundamental de Uberlândia**”, interrompido temporariamente, em razão da COVID-19. A Escola Municipal Domingos Pimentel de Ulhoa, situada no Bairro Santa Mônica, em Uberlândia, teve suas atividades pedagógicas interrompidas em março de 2020. Este é um subprojeto do projeto maior do FORDAPP (Formação Docente, Direito de Aprender e Práticas Pedagógicas) registrado no CNPq.

Na seção 1 desse texto, utilizando-se do enfoque apresentado por Soares (2017), faz-se uma crítica dos conceitos equivocados de método, vigentes na prática da alfabetização no Brasil.

Na seção 2 do mesmo texto, procura-se descrever a configuração e os traços distintivos das letras do alfabeto, utilizado pela língua portuguesa. Esta parte, vale ressaltar, não tem sido preocupação daqueles que trabalham com a alfabetização. As letras têm identidade, porque elas apresentam traços distintivos próprios e esse fato é muito importante para o alfabetizador.

SEÇÃO 1

A aquisição da fala, embora implique na apropriação de um sistema complexo de representação simbólica, combinado com um sistema também complexo de representação conceitual, não é percebida nestes termos por aqueles que acompanham uma criança que adquire uma língua.

Chomsky (1975) chega a afirmar que o organismo humano seja possivelmente dotado de uma capacidade linguística inata. Assim como o álcool, aparentemente um líquido comum, à primeira vista parecendo com a água, tem uma força inflamável, o cérebro tem o potencial invisível de formar estruturas linguísticas.

Mas entre a aquisição da língua materna e a aprendizagem de uma segunda língua ou da escrita, há um abismo. O processador neuronal da língua na forma falada é o sistema auditivo, enquanto o processador neuronal da língua na forma escrita é o sistema visual. A transferência de um sistema para outro requer um trabalho especial que envolve a atenção e a consciência. Uma criança não aprende a escrita e a leitura tal como aprendeu a falar.

A escrita não surgiu como uma descoberta pontual, fruto de um *insight* genial e em determinado momento. Em vez, ela foi desenvolvida ao longo de vários séculos, conforme mostra Daniels & Bright (1996, p. 01) dizem que “a humanidade é definida pela língua na forma falada, mas a civilização é definida pela língua na forma escrita. Esta última permitiu o registro de informações, tornando-se a base para as sociedades urbanas do velho mundo. Os humanos falam, mas apenas os humanos civilizados escrevem e leem (...)”¹

Registros de escrita foram feitos na Mesopotâmia em 3500 a. C., com a finalidade de controlar a quantidade de cabeças de gado, cavalos, carneiros, cabras, porcos e aves (FISCHER, 2009). No Egito, também era controlado o número de operários trabalhando e seu consumo de alimentos, roupas e de calçados. Nas pirâmides do Egito, os faraós planejavam e controlavam os gastos dos operários nas construções.

¹ - Humankind is defined by language; but civilization is defined by writing. Writing made historical records possible, and writing was the basis for the urban societies of the Old World. All humans speak; only humans in civilizations write and read (...).

Mas pode-se dizer que os símbolos icônicos e visuais alcançaram seu ápice, quando foram fonetizados. Assim o símbolo *m*, no princípio uma imagem das ondas do mar, tonou-se foneticamente pronunciado como *eme*. Nesse momento, ele deixou de ser um sinal icônico, para se tornar um sinal simbólico e fazer parte de um sistema de representação linguística.

A aprendizagem da escrita não segue um fluxo natural como acontece na aquisição da língua materna. Pinker (1998) mostra que uma criança, com 18 meses de idade, consegue compreender, em média, 15 palavras faladas e, quando chega aos 60 meses, compreende e usa cerca de 60.000 palavras. Pode-se pensar que a aquisição da língua materna siga um fluxo desenvolvido durante a evolução biossocial dos humanos.

Já a escrita, para ser aprendida, requer um esforço extra, inclusive, porque a interferência da oralidade torna-se um obstáculo, a ser superado. A lei do menor esforço escolhe o atalho da língua falada, evitando-se assim as dificuldades de aprender um novo sistema de comunicação e representação do mundo.

Bruner (1999) entende que a razão das dificuldades da aprendizagem da escrita, por parte das crianças em idade escolar, reside na inadequação do currículo da escola. Segundo ele, o currículo apropriado para as crianças deveria ser elaborado no formato de espiral, isto é, começando com estruturas simples que se tornam complexas, à medida que as crianças crescem e se desenvolvem.

Outra variável, a ser analisada, é a diferença existente entre aquisição e aprendizagem, quando a questão é língua. A língua materna é adquirida e por algumas razões, diz-se que ela é apropriada pela criança em condições especiais. Nessa idade, ou seja, até os 6 anos de idade, a rede neuronal ainda não foi mielinizada, estando aberta a todo tipo de informação (STERNBERG, 2000). Depois desse período, ocorre a mielinização dos axônios, tanto para a proteção dos próprios neurônios, bem para o aumento da velocidade do processamento neuronal.

Já na aprendizagem de uma segunda língua e também da escrita, a língua materna interferirá significativamente. Os sotaques, apresentados na segunda língua tornam-se recorrentes, porque a rede neuronal já estabeleceu os parâmetros necessários de procedimentos. Para ilustrar, o fonema /t/ na língua portuguesa é uma consoante oclusiva, surda, dental. Na língua inglesa, o fonema /t/ é uma consoante oclusiva, surda,

mas ápico-alveolar. Em outras palavras, a ponta da língua, em vez tocar no dorso dos dentes frontais, toca acima no início da gengiva, produzindo uma pequena diferença no som /t/. Qualquer falante nativo detecta o falante estrangeiro por detalhes como esse (CHOMSKY, 1975).

Nestes termos, a aquisição refere-se sempre à apropriação da língua materna por parte da criança e diz respeito sempre à fala. Já a aprendizagem da segunda língua ou da escrita e da leitura requer a participação especial da atenção e da consciência, pois a língua materna interferirá no processo.

Quem quiser aprender uma segunda língua, se puder, deve se juntar a falantes nativos, para não continuar falando sua própria língua materna. Algumas das condições da aquisição da língua materna devem ser recriadas. A criança que adquire a língua materna tem somente esta alternativa: a língua materna ou a língua materna.

O primeiro e mais urgente fronte de informação necessária aos alfabetizadores é o esclarecimento daquilo que hoje é considerado método. Para Soares (2017), o chamado método analítico é aquele que parte das palavras inteiras para ensinar a escrita. Freire 1997) ensinava a escrita aos adultos, partindo das palavras-chave.

Por método sintético, ela entende que o fônico parta dos fonemas isolados ou das sílabas, ou seja da combinação de consoantes e vogais ou de vogais isoladas. A expressão “**a casa**” é composta de 3 sílabas, uma para a letra “**a**” isolada e duas outras para “**ca**sa”. Rejeita ela também a ideia de que o construtivismo, apresentado por Ferreiro & Teberoski (1989), seja método, pois trata apenas de uma derivação da teoria do desenvolvimento proposta por Jean Piaget.

Acertar esses equívocos conceituais é fundamental para a organização da aprendizagem da escrita no ensino fundamental. A **desmetodologização** é defendida por Soares (2017, p. 24), ficando em seu lugar uma combinação de teorias e de procedimentos que só fortalecem a prática de alfabetização. A linguística, a psicologia cognitiva e a psicologia do desenvolvimento podem compor essa síntese necessária.

Na seção 2, serão discutidos os principais traços distintivos que caracterizam as letras ou grafemas, no formato de letra minúscula de imprensa. Utilizando-se

basicamente dos traços de esfericidade, verticalidade, horizontalidade e obliquidade, os grafemas exibem identidade e capacidade de distinguir uns dos outros.

Na seção 3, discutir-se-ão princípios básicos de aprendizagem de acordo com Jerome Bruner. Para ele, os objetos mentais são formados por meio de uma combinação de traços distintivos complementares.

SEÇÃO 2

O Sistema de Traços Distintivos da Escrita

A conversão do sistema de sons da língua em um sistema de letras da língua é a tarefa que a escola incumbe o alfabetizador de realizar com seus alunos. Se os sons da língua formam um sistema, isto é, o sistema fonológico, também as letras da língua formam um sistema: o da escrita ou o grafemático.

As letras, portadoras de traços distintivos visuais, também se constituem em um sistema, no qual o elemento singular se relaciona com a estrutura global e vice-versa. O alfabetizando, no início do processo, toma consciência dos sons que usa e os liga às letras. Como essas letras fazem parte de um conjunto, a aprendizagem passa pelas noções contidas nos elementos (letras) dentro do sistema maior. Esta aprendizagem pode ser **conjuntiva**, **disjuntiva** e **correlacional** (BRUNER, 1999).

A aprendizagem será conjuntiva, isto é, quando um conjunto de traços dispor de organização uniforme dentro de uma estrutura maior, como no caso das letras “o” “b”, “d”, “p” e “q”. Será aprendizagem disjuntiva, quando estiverem incluídas as letras com formato híbrido, ora assemelhando-se a um “s”, ou a uma esfera parcial, como a letra “c”. Por tratar apenas das letras minúsculas de imprensa, os aspectos ornamentais das letras cursivas não aparecem. Por fim, será correlacional, quando os traços forem divergentes. Por exemplo, entre as letras “o” e “x”. Por tratar apenas das letras minúsculas de imprensa, os aspectos ornamentais das letras cursivas não aparecem. Nos Estados Unidos, no processo da alfabetização já não se usa mais o sistema alfabético cursivo

A estrutura cognitiva, por motivo de economia, reduz as imagens dos objetos ou classe de objetos a traços relevantes, distintivos e leves, poupando dessa forma espaço na rede neuronal para a instalação e execução de programas de processamento cognitivo. Por ser capaz de superar a circunstancialidade e a concretude das situações do dia-a-dia, o sistema de conceitos, expresso por sistemas simbólicos, falados ou escritos, libera do tempo e do espaço a representação do mundo. Se o cão se lembra somente na

presença do objeto, porque na verdade apenas o reconhece, os humanos se lembram do objeto mesmo em sua ausência.

Os conjuntos de grafemas seguintes são todos formados com letras minúsculas. Nesse primeiro conjunto, todas as unidades são esféricas, mas algumas são também marcadas pela verticalidade, superior ou inferior, à esquerda ou à direita:

Conjunto 01 de Traços Distintivos Simbólico-visuais

Esfericidade		
Esfericidade pura	o	
Verticalidade superior	b	d
Verticalidade inferior	p	q
	À esquerda	Média À direita

Fonte: Dados da Pesquisa

Neste quadro, combinam-se os traços de esfericidade com os traços de verticalidade. Ainda os subtraços, à esquerda e à direita, somam-se na formação da identidade das letras **p, d, p, q**. A letra **o**, por sua vez, é a única que possui um traço único, isto é, esférico.

No conjunto seguinte de letras, os traços visuais distintivos são disjuntivos, isto é, podem estar ou não estar presentes de maneira distribuída em todos os elementos do conjunto:

Conjunto 02 de Traços Distintivos Simbólico-visuais

Esfericidade e Sigmaticidade ²		
Sigmaticidade combinada	s	a
Semiesferossigmaticidade	c	ç e

² - Na língua grega, o S é denominado como sigma. Originalmente, a letra estava ligada à ideia de uma cobra. Portanto, sigmaticidade equivale a dizer que a letra tem o formato do corpo da cobra. Dessas letras, o s é o mais típico de todos, pois se assemelha com a serpente.

Esferossigmaticidade	g	
	À esquerda	À Direita

Fonte: Dados da pesquisa

Merece comentário especial a letra ç, pois ela não consta das letras do alfabeto brasileiro, mas exerce função distintiva na escrita. Por exemplo, no par de palavras, paço e passo, a letra ç permite a distinção de dois objetos diferentes no mundo real, qual sejam, o palácio e o verbo passar na primeira pessoa do singular do presente indicativo.

Conjunto 03 de Traços Distintivos Simbólico-visuais

Dupla verticalidade	
Alta	h
Dupla	n u
Tripla	m

FONTE: Dados da pesquisa

Nesse último conjunto, o traço comum é o da ausência de esfericidade. Nenhuma das letras possui traço de esfericidade. Pelo contrário, são todas não esféricas. Além da verticalidade, as letras apresentam também traços de horizontalidade e de vértico-horizontalidade. Por exemplo, [f] assemelham-se ao [j] pelo traço de verticalidade, que marca ambos, mas distinguem-se pelo traço de vértico-horizontalidade, presente na parte baixa do “j” e na parte alta do “f”.

Esses traços, depois de feitas as correspondências entre os fonemas e os grafemas (letras), são capazes de contribuir para o acesso dos conceitos. Por exemplo, as palavras [joca] e [foca] distinguem-se pelas diferenças entre o “j” e o “f”, pois nas características restantes são exatamente iguais.

As relações entre os traços distintivos são disjuntivas, mas também correlacionais. Em outros termos, estão correlacionados aqueles traços que não estão presentes visivelmente. Nas palavras “pata” e “lata”, as letras “p” e “l” se opõem

inclusive pelos traços de esfericidade e de não-esfericidade. Ambas possuem verticalidade, mas apenas o “**p**” é esférico; o “**l**” é não-esférico.

Esses traços visuais garantem a distinção de unidades lexicais na forma escrita. Não há como não admitir que os vocábulos “**pata**” e “**lata**” distinguem-se um do outro pelas diferenças existentes entre os dois grafemas iniciais. Nos itens restantes, são exatamente idênticas. Sendo esse caso em uma ocorrência de leitura, estão em jogo não dois fonemas, mas sim dois grafemas em palavras escritas, exercendo função distintiva no sistema escrito.

Vale lembrar o que já foi dito anteriormente: por ocasião da alfabetização, o alfabetizando estabelece equivalências entre os fonemas e os grafemas. Ao colocar os fonemas como objeto de sua observação e associá-los aos grafemas, laços estruturais são estabelecidos. Posteriormente na leitura, os grafemas tornam-se formas alternativas com poder de acessar os conceitos.

Uma prova da existência desse fenômeno é a **subvocalização**³. Em outros termos, enquanto é alfabetizado, o alfabetizando vê a letra e, mesmo não emitindo voz para pronunciar os sons acrofônicos, ele realiza movimentos com os lábios, como se estivesse lendo em voz alta. Curioso ainda é o fato que perderá esse hábito, à medida que se torna mais tarde leitor proficiente.

No penúltimo quadro, o sistema de traços torna-se ainda mais complexo. Combinam-se nele traços de verticalidade, horizontalidade, obliquidade com subtraços de esquerda, média e direita. A estrutura cognitiva, para sistematizar esse conjunto de traços conjuntivos, disjuntivos e correlativos necessita de idas e vindas sobre o material escrito, isto é, de recorrências até que seja estabelecida uma racionalidade que os organize como uma estrutura de relações de oposições e contrastes.

Conjunto 04 de Traços Distintivos Simbólico-visuais

Vértico-horizontalidade

³ - A subvocalização é um fenômeno que ocorre, quando o leitor, ao ler uma palavra ou texto, produz também gestos com os lábios, o que demonstra que ele ainda não deixou a língua na forma oral, mesmo na leitura de palavras ou texto escrito.

Alta	l	t	r
Média		i	f
Baixa		j	
	À esquerda	Média	À direita

FONTE: Dados da pesquisa

No último conjunto de grafemas, predominam os traços de obliquidade, os quais podem ser simples, duplos e cruzados. O grafema **w**, por exemplo, é obliquo duas vezes; já o **x** é cruzado. O **k**, por sua vez, apresenta dois traços de obliquidade à direita. Esses traços permitem que diferenças sutis das letras funcionem no sistema.

Conjunto 05 de Traços Distintivos Simbólico-visuais

Obliquidade			
Simple		z	v
Dupla			w
Cruzada		x	k
	À esquerda	Média	À direita

FONTE: Dados da pesquisa

O leitor fluente não recorre necessariamente aos símbolos orais, porque durante a alfabetização, ele já estabeleceu elos e equivalência funcional entre os sons e as letras. De fato, o ritmo da leitura é maior que o da fala. Enquanto um leitor fluente lê cerca de 250 palavras por minuto, um locutor fala ao redor de 150 palavras por minuto ao microfone. Em outros termos, a leitura não se submete ao ritmo da fala. Tudo indica que módulos diferentes coordenam suas atividades.

Pode-se dizer que alfabetizar é criar essas correspondências durante o processo de aprendizagem do aluno, levando em consideração que eles passam por diversas fases em seu desenvolvimento, como mostrou Ferreiro (1989).

Pouco importa que o aprendiz passe no algoritmo da aprendizagem “do geral para o particular (sintético)”, do “particular para o geral (analítico)” ou ainda por ambos. O fator decisivo na aprendizagem é que o aluno compreenda o processo, que esteja motivado para manter sua atenção sintonizada e, especialmente, que possa passar por experiências de recorrência na aprendizagem, pois, só assim os itens contidos no processo serão consolidados na memória de longo prazo (MLP).

O segredo, portanto, seria a compreensão dos fatos contidos na escrita, a motivação para aprender esses fatos e, sobretudo, sua recorrência como fator de consolidação dos mesmos na memória de longo prazo.

Não há magia na alfabetização ou em qualquer outra aprendizagem. Assim como o sistema digestivo humano necessita de certas condições para realizar a digestão dos alimentos, também a estrutura cognitiva tem suas condições de aprendizagem. Por exemplo, o estômago não digere certos alimentos crus; também a estrutura cognitiva não assimila aquilo que não foi compreendido e muito menos consolida como conhecimento aquilo que não se justificou como sendo importante.

Consolida-se apenas aquilo que foi compreendido e especialmente aquilo para o que foi solicitado espaço várias vezes na rede neuronal. Em outros termos, só é importante aquilo que ocorrer de novo por necessidade substancial do entorno. A memória biossocial é altamente seletiva e por isso só consolida as informações de relevância para o organismo. Se o processo cognitivo fosse levado em consideração, a aprendizagem escolar teria menos tropeços pedagógicos.

SEÇÃO 3

Aprendizagem da Leitura e da Escrita

O que é aprender? Aprender é, sobretudo, registrar informações novas na memória de longo prazo (MLP) de maneira organizada, integrando-as às experiências já conhecidas, fazendo que a informação e o conhecimento A (velho) + B (novo), tornem-se A (velho modificado) + B (novo modificado), isto é, = AB (novíssimo conhecimento).

A primeira forma de aprendizagem é a motora e não ocorre apenas com os bebês, mas também com pessoas de idade adulta. Por exemplo, pode-se aprender a tocar guitarra aos 50 anos. A segunda forma de aprendizagem é a *espacial* e também não é privilégio da criança que explora o meio ambiente na infância. Ao aprender um novo esporte, o novo atleta leva algum tempo para formar padrões cognitivo-espaciais.

A terceira forma de aprendizagem é a de conceitos. Bastante complexa, ela permite que os humanos representem as entidades do mundo não como imagens concretas, mas apenas como sínteses abstratas e estruturadas, composta de traços que caracterizam o objeto. Na introdução desse artigo, citou-se a cadeira (objeto) e sua substância “cadeiridade”, como sendo o conjunto dos dois traços (assentabilidade e a escorabilidade). A aprendizagem de conceitos foi bem estudada por Bruner (1999) e por Vygotsky (1988).

Finalmente a aprendizagem de *sistemas simbólicos* é mais difícil e requer longo tempo de elaboração. Por exemplo, aprender uma língua, materna ou estrangeira, exige muito labor cognitivo, até que o conjunto fonológico, morfossintático, semântico e pragmático adquira o formato de estrutura cognitiva. O mesmo ocorre com a aprendizagem de matemática e de música que são também sistemas simbólicos.

Está aprendido aquilo que obtiver registro consolidado na MLP com caminho aberto para posterior busca e acesso. A memória, no caso, acaba por se tornar uma variável independente na aprendizagem. Ela é o reduto, após o qual não existem mais possibilidades cognitivas, a menos que se fale de algo como para-normalidade. Ela é o registro definitivo da aprendizagem.

Quando alguma experiência é registrada na MLP, a rede de neurônios envolvida naquela operação específica é reforçada com um adicional de proteínas, franqueadas pelo DNA, de modo a consolidar a representação ou experiência. Uma enzima, a **cinesina**, é fundamental nessa operação, pois é ela que solicita do DNA o adicional de proteínas, para que as conexões neurais se mantenham firmes e operantes posteriormente. Aprendido está aquilo que ganhou representação neuronal consolidada por reforço especial de proteínas.

Izquierdo (2002, p. 9) apropriadamente chega a dizer: “podemos afirmar que somos aquilo que recordarmos, literalmente. Não podemos fazer aquilo que não sabemos como fazer, nem comunicar nada que desconhecamos, isto é, nada que não seja de nossa memória. Não podemos usar, como base para projetar nossos possíveis futuros, aquilo que esquecemos ou que nunca aprendemos”.

A memória pode ser declarativa e não-declarativa. Essa última refere-se ao conhecimento que faz parte do comportamento humano, mas que não se expressa verbalmente. Nesse caso, estão os hábitos, costumes, habilidades estéticas ou esportivas. Quem dirige um carro no trânsito, realiza uma sequência de procedimentos inconscientes e coordenados, que dão organização e controle à atividade. Já a memória declarativa refere-se aos conhecimentos que podem ser narrados e explicados. Contar histórias, descrever objetos, por exemplo, são façanhas possíveis devido à memória declarativa, com a qual está equipado o ser humano.

Três tipos de memória são descritos hoje na ciência cognitiva: a memória de curto prazo, ou seja, aquela que retém itens de informação por um curto período de tempo; a memória de longo prazo, ou seja, aquela que itens por períodos longos; finalmente a memória de trabalho⁴, a qual não os arquiva, mas durante as atividades realizadas, busca na memória de longo prazo informações para a manutenção e organização dos procedimentos postos em operação.

A memória de trabalho é fundamental para relação do indivíduo com o meio ambiente e até para a existência da própria consciência. Em outros termos, é ela que

⁴ - Izquierdo (2002) vê na memória de trabalho semelhanças com a memória que ele chama de curta duração, pois ambas são rápidas. A de trabalho, contudo, não imprime novos itens de informação na memória de longo prazo. Mas é ela que retém os sentidos lexical e proposicional, presentes durante a leitura.

solicita da memória de longo prazo os conhecimentos necessários para as relações do indivíduo com o meio ambiente, levando em consideração a própria identidade dele, enquanto indivíduo.

Do mesmo modo, é ela que permite a atividade de pensar. Mais que isso, ela alimenta a atenção, na medida em que deixa disponíveis informações que se referem a uma atividade que está em processo. Quanto mais informações sobre o meio ambiente e os acontecimentos em processo, mais chance o indivíduo tem de melhor lidar com a realidade. A memória de trabalho provê o indivíduo com a capacidade de estar consciente e de operar no mundo de maneira atenta.

Na memória de longo prazo, os circuitos estabelecidos tornam-se permanentes por meio da intervenção direta das enzimas. Essa é uma importante constatação, mas insuficiente para explicar o conjunto dos procedimentos da leitura. O algoritmo e o programa que ordenam e comandam as associações dos itens lexicais da memória de longo prazo ainda estão longe de ser objetos de investigação.

Visto que a leitura é um processo de associação de ideias existentes na estrutura cognitiva a ideias ainda não existentes, no caso de grande complexidade, o conhecimento atual está longe de explicar o fenômeno da leitura de maneira detalhada. **Onde, como** e o **que** comanda essa orquestra neuronal durante o ato da leitura são questões sem resposta satisfatória. Sabe-se no máximo que certas regiões do cérebro são ativadas durante a leitura; que os neurônios do córtex frontal comandam o processo de associação de ideias; mas não se sabe o que comanda os comandos todos da leitura.

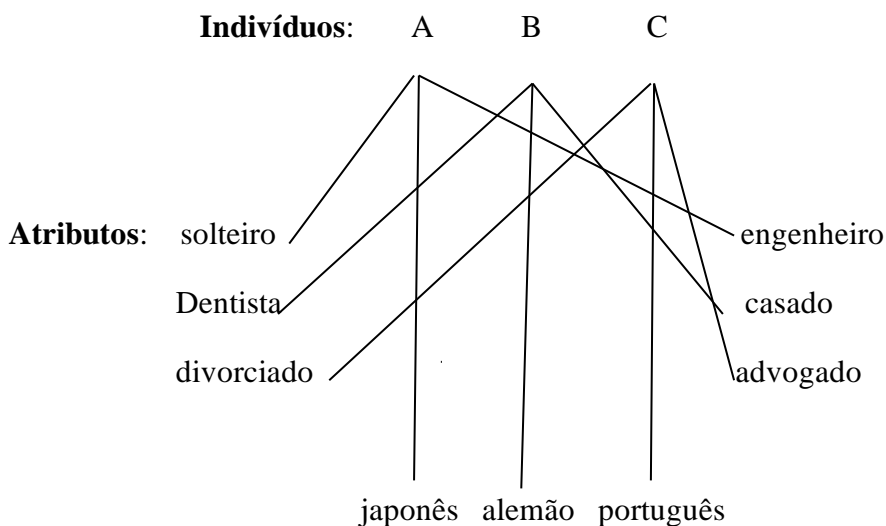
A memória de longo prazo (MLP) conta com a participação efetiva do hipocampo na consolidação de itens de informação. O hipocampo, por ter acesso às principais regiões do cérebro, é capaz de comparar e de cruzar os traços que identificam as entidades nas suas semelhanças e diferenças. Além disso, por estar associado à região da amígdala, onde está localizado o controle dos afetos e das emoções, o hipocampo distingue fatos e situações que demonstram importância afetiva e emocional para a vida do indivíduo.

Se houver traços de semelhança ou de diferença entre a entidade a ser memorizada e algum item de informação já existente na memória de longo prazo e for

acrescido o sinal de importância emotiva fornecido pela amígdala, o novo item é associado àquele outro, já integrado em rede distribuída. Esse processo só começa depois de aproximadamente oito horas após o início da formação de um item na memória.

Somente os itens de grande importância são retidos na memória geral. Os detalhes são esquecidos pouco tempo depois da formação do novo item. Eles só ficarão retidos, se voltarem outras várias vezes através dos sentidos. Quando isso acontece, o cérebro considera-os importantes para o organismo e até detalhes podem ficar retidos. No exemplo que segue, pode-se observar que os atributos ou traços individuais cruzam-se, reforçando as relações entre os elementos existentes:

FIGURA 01: Traços distintivos



O indivíduo A é solteiro, engenheiro e japonês; já o indivíduo B é casado, alemão e dentista; o indivíduo C é português, divorciado e advogado. Esse sistema de atributos compartilhados pode ser semelhante àquele da memória distribuída, onde as informações são incorporadas a conjuntos já estruturados. Esse exemplo está bem desenvolvido em (BRUNER, 1999), onde o autor desenvolve a ideia da aprendizagem por ensaio e erro.

Na memória distribuída, os traços são interligados, de modo a se tornarem elaborados e consolidados do ponto de vista de rede. No caso, um novo item só é

consolidado na memória de longo prazo, se ele for integrado a redes pré-existentes na estrutura cognitiva. Elaborar itens de informação quer dizer integrá-los a memórias já consolidadas. No exemplo acima, D está ligado ao B e ao C, mas não ao A. Essa rede elaborada de relações é o que assegura a duração do item de informação na memória de longo prazo. Em termos de biologia molecular, o circuito neuronal só perdura, se houver uma rede elaborada de informação que o exija.

A aprendizagem básica do alfabeto/escrita e sua utilização na leitura bem como na escrita não é uma exceção ou algo inusitado. Alfabetizado é o indivíduo que se apropriou do sistema alfabético, fazendo-o equivalente ao sistema fonológico, de modo que seja capaz de transferir para situações posteriores aquilo que aprendeu anteriormente.

Esses fundamentos cognitivos apresentados são importantes para aqueles que alfabetizam. Pra alfabetizar, é necessário mais conhecimento linguístico, combinado com o pedagógico. No momento atual, a taxa de analfabetismo no Brasil é incompatível com o desejo nacional de ser uma nação desenvolvida. A alfabetização não é apenas uma questão social, mas também uma questão cognitiva.

Com tantos analfabetos, na educação, a alfabetização tornou-se uma questão de segurança de Estado. Ao dizer que a educação no Brasil assemelha-se às estradas brasileiras ruins, como é veiculado na fala de pessoas comuns, os observadores atentos ao cenário brasileiro têm toda razão.

O analfabetismo é o calcanhar de Aquiles, da educação brasileira. No Brasil, como já dito anteriormente, existia 16.800.000 de analfabetos acima de 15 anos de idade, em 2018 (IBGE, 2018). Das desigualdades sociais, o analfabetismo é uma das mais graves punições impostas aos brasileiros sem-escrita e sem-escrita. Mas no mundo todo, alcançam 770 milhões aqueles que continuam privados do acesso a esses mágicos sinais, portadores do sentido do mundo.

A inclusão desses brasileiros no mundo da escrita e da leitura seria tão importante quanto a travessia do Rubicão, realizada por Júlio César na história romana. Se a mesma travessia fosse realizada na educação, diríamos: a alfabetização desses

16.800.000 de brasileiros acima de 15 anos seria a extinção de um estigma da história na educação brasileira.

Processo de Ensino do Sistema Simbólico-alfabético

A aprendizagem existe sem o ensino, pois os humanos aprendem sem a interferência docente, mas a docência não existe, sem que haja o aprendiz em situação de aprendizagem. A aprendizagem é uma atividade de apropriação de estruturas motoras, espaciais, conceituais e sistêmico-simbólicas por parte do aprendiz, tendo, ou não, a interferência docente como organizadora.

No ensino da leitura e da escrita, o docente facilita ao aluno a aprendizagem das estruturas linguísticas da leitura e da escrita, mas a apropriação desses conhecimentos, socialmente disponibilizados na cultura, é uma tarefa pessoal do aluno, pois ninguém pode aprender por ele.

Método sintético? Método analítico? Método sintético-analítico? Talvez fosse melhor começar por definir aprendizagem: entende-se por aprendizagem aqui o processo de adaptação (assimilação, acomodação e reequilíbrio). Segundo Piaget (1978), a aprendizagem é um processo de interação do sujeito com o meio ambiente, passando pelas fases acima mencionadas. Nesse caso, a aprendizagem se assemelha ao próprio processo de interação do organismo com o meio natural.

Em geral, as concepções de ensino originam-se de concepções subjacentes à aprendizagem. Se o professor acreditar que o aluno constrói o conhecimento e deixá-lo descobrir por conta própria sem interferir, ele terá como pressuposto no seu afazer pedagógico a aprendizagem por descoberta ou indutiva. Pelo contrário, se ele acreditar que a aprendizagem por descoberta é onerosa, o professor poderá organizar e orientar a aprendizagem, abreviando o tempo necessário. O professor poderia ainda combinar as duas modalidades de ensino, criando uma terceira.

Como decorrência, o ensino deveria seguir *pari passo* o processo da aprendizagem, ou seja, como se fosse um processo digestivo, onde metaforicamente o material instrucional deve ser preparado, de modo a abreviar o tempo da aprendizagem.

Na aprendizagem da leitura e da escrita entra também em cena a meta-cognição, isto é, o aluno, diferente da criança que aprendeu a língua materna na forma oral, usa de sua atenção, experiências anteriores e elaborações conscientes, para se apropriar do novo sistema de representação dos conceitos.

O ensino da leitura e da escrita é um trabalho interdisciplinar, pois recorre aos conhecimentos linguísticos, psicológicos (psicolinguísticos), sociológicos e pedagógicos. Sem essa interdisciplinaridade, o processo pedagógico perde muito de sua eficiência. A escrita, por exemplo, é um sistema simbólico-linguístico, a ser adquirido, mas seguindo os princípios da estrutura cognitiva, considerando o nível de desenvolvimento do aluno. Enfim, essa perspectiva interdisciplinar pode enriquecer o processo da alfabetização e, quem sabe, abreviar e efetivar a alfabetização.

Considerações Finais

Como a verdade não foi ainda leiloadada, ela não pertence a ninguém. Mas ela está do lado daqueles que estão abertos para aprender, inovar, errar e corrigir, se for o caso. A alfabetização escolar atual pode não apresentar números absolutos de sucesso, mas não se pode negar o trabalho que já foi feito.

Além das questões, apresentadas ao longo dessa pesquisa, há a interferência das políticas públicas de alfabetização. Em 2019, O governo federal apresentou o Plano Nacional de Alfabetização – PNA – o qual não impressionou os profissionais da área. O PNA utiliza de termos estranhos à nomenclatura da alfabetização, tais como, **literacia** e **numeracia**, que são adaptações grosseiras da língua inglesa à língua portuguesa.

Nessas alturas, Soares (2017) tem razão, ao dizer que a alfabetização precisa rever suas bases, conceitos e práticas escolares. Mais estudos, abertura para novos enfoques e, sobretudo, a capacidade de inovar.

Referências

BRASIL. Governo Federal. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD – 2018.

BRUNER, Jerome. **The Process of Education**. 25. ed. Oxford: Harvard Press, 1999.

CHOMSKY, Noam Avram. **Reflections on Language**. New York: Pantheon Books, 1975.

DANIELS, Peter T.; BRIGHT, William (eds.). **The World's Writing Systems**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

EVERETT, Daniel L. **Linguagem: A História da Maior Invenção da Humanidade**. Tradução de Maurício Rezende. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKI, Ana. **A Psicogênese da Escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein. Porto Alegre: ARTMED, 1989.

FISCHER, Steven Roger. **História da Escrita**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HIGOUNET, Charles. **História Concisa da Escrita**. Tradução de Marcos Marcionílio. São Paulo: Parábola, 2003.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

PIAGET, Jean. **Genetic Epistemology**. Tradução de Eleanor Duckworth. New York: The Norton Library. 1971,

PINKER, Stephen. **Como a Mente Funciona**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

STERNBERG, Robert J. **Psicologia Cognitiva**. Tradução de Maria Regina Borges Osório. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e Processo Educativo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira *et al.* **500 Anos de Educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VIEIRA, Sofia Lerche. **Política Educacional no Brasil: Introdução Histórica**. 3. ed. Brasília, 2011.

PRODUTO

TRAÇOS ORAIS DISTINTIVOS DAS CONSOANTES DO PORTUGUÊS

MODO	Cordas vocais		Bilabial	Labiodental	Alvéolo-dental	Palatal	Velar
Oclusiva	Surda Sonora		P b		t d		k g
Fricativa	Surda Sonora			f v		ʃ ʒ	h
Sibilante	Surda Sonora				s z		
Lateral	Sonora				l	ʎ	
Nasal	Sonora		m		n	ɲ	
Vibrante	Sonora				r		

FONTE: International Phonetic Alphabet (IPA)

NOTA: O som **ɲ** aparece em vocábulos, tais como: apanhar. O som **ʎ** em vocábulos, tais como malha. O som **ʒ** aparece em vocábulos, tais como garagem. E o som **ʃ** aparecem em vocábulos, tais como, taxa.

O modo de realização dos sons consonantais varia como oclusivo, fricativo, sibilante, lateral, nasal e vibrante. As cordas vocais participam ou não participam da realização das consoantes. Se participam, são sonoros: se não, são surdos. O lugar da realização do som pode ser bilabial, labiodental, alvéolo-dental, palatal e velar.

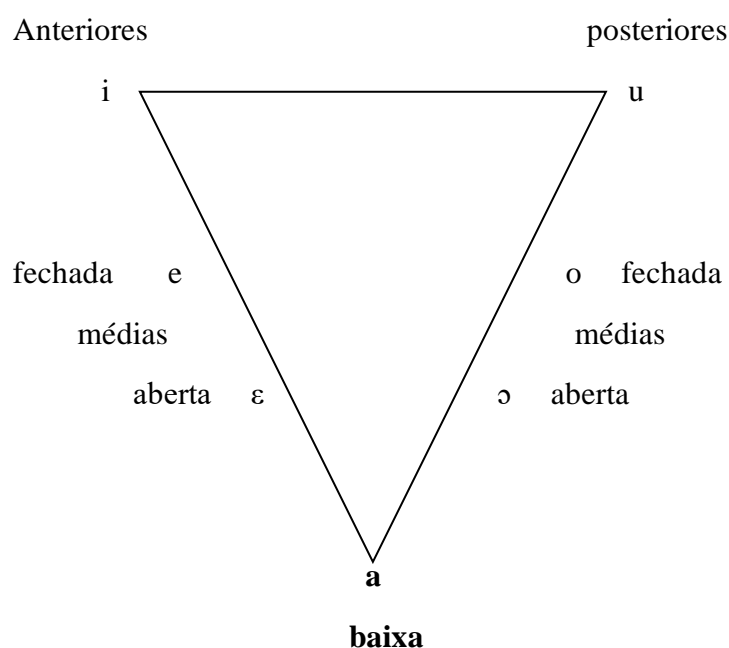
A criança, ao adquirir a língua materna, domina esses traços distintivos orais, capazes de garantir a identidade de cada fonema e palavra enunciada. A facilidade da

aquisição da língua materna, entretanto, não se repete na aprendizagem de uma segunda língua ou mesmo da escrita e da leitura.

O(a) professor(a) alfabetizador(a), para acompanhar a criança na alfabetização, seria aconselhável conhecer essa estrutura das consoantes e das vogais que estão apresentadas na sequência. Soares (2017) acredita que o professor, não conhecendo essa estrutura, terá mais dificuldades para ensinar a ler e a escrever.

Os traços distintivos servem inclusive para distinguir pessoas umas das outras. Altura, cor da pele, cor do cabelo, cor dos olhos, até o tom de voz são traços que identificam as pessoas. As letras da escrita e os sons da fala também têm traços distintivos que são utilizados na fala e na leitura.

TRAÇOS ORAIS DISTINTIVOS DAS VOGAIS DO PORTUGUÊS



FONTE: Hellwag's Triangle

As vogais, em sua realização, no espaço bucal, são caracterizadas como sendo anteriores, posteriores, médias e baixas. Elas podem ainda ser fechadas ou abertas. Por exemplo, nas palavras “cerca” (gradil) e “cerca” imperativo de cercar. Elas são os sons

mais livres produzidos pelo aparelho fonador. São tão livres que, nas vaias e nas interjeições, são utilizadas. Por exemplo: ah! uh!

A chamada consciência fonológica é importante na aprendizagem da leitura e da escrita, pois a criança aprende a ficar atenta aos traços dos sons e das letras, permitindo a aproximação de um ao outro sistema de representação dos conceitos. Isso facilita a ligação, por exemplo, do som /p/ bilabial, oclusivo e surdo com a letra (p) esférica, vertical, à esquerda e em baixo.

Quando o processo da alfabetização surtir os efeitos desejados na escola, ou mesmo em outros meios não escolares, a criança aproxima o sistema de traços orais da língua materna com o sistema de traços visuais da escrita.

1 - AS LETRAS DO ALFABETO: UM CONHECIMENTO IMPORTANTE

O que dissermos de um país de 210.000.000 de habitantes (IBGE, 2018), dentre os quais 6,8% ainda são analfabetos? Talvez a melhor maneira de eliminar o analfabetismo seja alfabetizar bem. E como seria alfabetizar bem? Talvez já se deva pensar na combinação de vários modelos e teorias. Soares (2017) fala inclusive de **multialfabetizações**, pois um único modelo já não oferece as alternativas esperadas. A combinação de práticas que envolvam as crianças, o uso de tecnologias de apoio e o aprimoramento teórico dos alfabetizadores possam reverter esse quadro.

NÚMERO DE ARTIGOS RECENTES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO

Artigos sobre alfabetização	Últimos 20 anos
Em 2020	216 artigos
Desde 2019	962 artigos
Desde 2016 (últimos 5 anos)	3.342 artigos
Desde 2011 (últimos 10 anos)	6.259 artigos
Desde 2001 (últimos 20 anos)	10.320 artigos

FONTE: Education Resource Information Center – ERIC

Por este quadro, percebe-se que a alfabetização continua sendo uma preocupação mundial, pois o ERIC é um site internacional que recebe artigos do mundo inteiro. Só em 2020, já foram publicados 216 artigos, tratando da alfabetização.

Soares (2017) também propõe mudanças na teoria e na prática da alfabetização. Para ela, os alfabetizadores precisam conhecer mais linguística, para facilitar seu trabalho pedagógico. A aprendizagem do sistema grafemático requer conhecimento do sistema fonológico, pois os grafemas na leitura substituem os fonemas na fala.

Ela deixa entender, inclusive, que os chamados métodos sintético, analítico ou construtivista, como foi este chamado pelos adeptos de Emília Ferreiro, não são modelos que esgotam a questão da alfabetização, pois o analfabetismo continua um desafio para a educação no Brasil.

O analfabetismo alcança 10,3% dos idosos brancos e 27,5% dos pretos ou pardos. No Brasil, em 2018, havia 11,3 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade analfabetas, o equivalente a uma taxa de analfabetismo de **6,8%**. Em relação a 2017, houve uma queda de 0.1 p. p., o que corresponde a uma redução de 121 mil analfabetos entre os dois anos. Quanto mais velho o grupo populacional, maior a proporção de analfabetos. Em 2018, eram quase 6 milhões de analfabetos com 60 anos ou mais, o que equivale a uma taxa de analfabetismo de 18,6% para esse grupo etário. (IBGE, PNAD, 2018).

O primeiro e mais urgente frente de informação necessária aos alfabetizadores é o esclarecimento daquilo que hoje é considerado método. Para Soares (2017), o chamado método analítico é aquele que parte das palavras inteiras para ensinar a escrita. Freire 1997) ensinava a escrita aos adultos, partindo das palavras-chave.

Por método sintético, ela entende que o fônico parta dos fonemas isolados ou das sílabas, seja da combinação de consoantes e vogais ou de vogais isoladas. A expressão “a casa” é composta de 3 sílabas, uma para a letra “a” isolada e duas outras para “casa”.

Rejeita ela também a ideia de que o construtivismo, apresentado por Ferreiro & Teberoski (1988), seja método, pois trata apenas de uma derivação da teoria do desenvolvimento, proposta por Jean Piaget.

Acertar esses equívocos conceituais é fundamental para uma organização da aprendizagem da escrita no ensino fundamental. A **desmetodologização** é defendida por Soares (2017, p. 24), ficando em seu lugar uma combinação de teorias e procedimentos que só fortalecem a prática de alfabetização. A linguística, a psicologia cognitiva e a psicologia do desenvolvimento podem compor essa síntese necessária.

O conhecimento das letras do alfabeto, por parte do alfabetizador, não apenas como resultado do senso comum, mas sobretudo como uma questão cognitiva, é muito importante. Como diz o provérbio latino, “*nemo dat, quod non habet*”⁵

2 – A ESTRUTURA DAS LETRAS MINUSCULAS DO ALFABETO

Os conjuntos de grafemas seguintes são todos formados com letras minúsculas. Os traços que compõem as letras, ainda em fase refinamento, forma no sistema visual a identidade de cada um dos símbolos escritos. Nesse primeiro conjunto, todas as unidades são esféricas, mas algumas são também marcadas pela verticalidade, superior ou inferior, à esquerda ou à direita:

Conjunto 01 de traços distintivos simbólico-visuais

Esfericidade		
Esfericidade pura	o	
Verticalidade superior	b	d
Verticalidade inferior	p	q
	À esquerda	À direita

Fonte: Dados da Pesquisa

⁵ - “Ninguém dá aquilo que não tem”, frase muito utilizada nos pensadores escolásticos.

É um fenômeno comum, na alfabetização, as crianças não distinguem a distribuição da barra vertical, combinada com a esfera. Por exemplo, nas palavras **bata** e **data**, o que as diferencia é a colocação da barra vertical à esquerda ou à direita da esfera.

No conjunto seguinte de letras, os traços visuais distintivos são disjuntivos, isto é, podem estar ou não estar presentes de maneira distribuída em todos os elementos do conjunto:

Conjunto 02 de Traços Distintivos Simbólico-visuais

Semiesferocidade e Sigmaticidade ⁶			
Sigmaticidade combinada		s	a
Semiesferossigmaticidade	c	ç	e
Esferossigmaticidade		g	

Fonte: Dados da pesquisa

Neste quadro, incluem-se as letras com formato híbrido, ora assemelhando-se aos ou à esfera parcial, como a letra c. Por tratar apenas das letras minúsculas de imprensa, os aspectos ornamentais das letras cursivas não aparecem. Nos Estados Unidos, no processo da alfabetização já não se usa mais o sistema alfabético cursivo.

Conjunto 03 de Traços Distintivos Simbólico-visuais

Dupla verticalidade	
Alta	h
Dupla	n u
Tripla	m

⁶ - Na língua grega, o S é denominado como sigma. Originalmente, a letra estava ligada à ideia de uma cobra. Portanto, sigmaticidade equivale a dizer que a letra tem o formato do corpo da cobra. Dessas letras, o s é o mais típico de todos, pois se assemelha com a serpente.

FONTE: Dados da pesquisa

Nesse último conjunto, o traço comum é o da ausência de esfericidade. Nenhuma das letras possui traço de esfericidade. Pelo contrário, são todas não esféricas. Além da verticalidade, as letras apresentam também traços de horizontalidade e de vértico-horizontalidade. Por exemplo, [f] assemelham-se ao [j] pelo traço de verticalidade, que marca ambos, mas distinguem-se pelo traço de vértico-horizontalidade, presente na parte baixa do “j” e na parte alta do “f”.

Esses traços, depois de feitas as correspondências entre os fonemas e os grafemas (letras), são capazes de contribuir para o acesso dos conceitos. Por exemplo, as palavras [joca] e [foca] distinguem-se pelas diferenças entre o “j” e o “f”, pois nas características restantes são exatamente iguais.

As relações entre os traços distintivos são disjuntivas, mas também correlacionais. Em outros termos, estão correlacionados aqueles traços que não estão presentes visivelmente. Nas palavras “**pata**” e “**lata**”, as letras “**p**” e “**l**” se opõem inclusive pelos traços de esfericidade e de não-esfericidade. Ambas possuem verticalidade, mas apenas o “**p**” é esférico; o “**l**” é não-esférico.

Esses traços visuais garantem a distinção de unidades lexicais na forma escrita. Não há como não admitir que os vocábulos “**pata**” e “**lata**” distinguem-se um do outro pelas diferenças existentes entre os dois grafemas iniciais. Nos itens restantes, são exatamente idênticas. Sendo esse caso em uma ocorrência de leitura, estão em jogo não dois fonemas, mas sim dois grafemas em palavras escritas, exercendo função distintiva no sistema escrito.

Vale lembrar o que já foi dito anteriormente: por ocasião da alfabetização, o alfabetizando estabelece equivalências entre os fonemas e os grafemas. Ao colocar os fonemas como objeto de sua observação e associá-los aos grafemas, laços estruturais são estabelecidos. Posteriormente na leitura, os grafemas tornam-se formas alternativas com poder de acessar os conceitos.

Uma prova da existência desse fenômeno é a subvocalização. Em outros termos, enquanto é alfabetizado, o alfabetizando vê a letra e, mesmo não emitindo voz para pronunciar os sons acrofônicos, ele realiza movimentos com os lábios, como se

estivesse lendo em voz alta. Curioso ainda é o fato que perderá esse hábito, à medida que se torna mais tarde leitor proficiente.

No penúltimo quadro, o sistema de traços torna-se ainda mais complexo. Combinam-se nele traços de verticalidade, horizontalidade, obliquidade com subtraços de esquerda, média e direita. A estrutura cognitiva, para sistematizar esse conjunto de traços conjuntivos, disjuntivos e correlativos necessita de idas e vindas sobre o material escrito, isto é, de recorrências até que seja estabelecida uma racionalidade que os organize como uma estrutura de relações de oposições e contrastes.

Conjunto 04 de Traços Distintivos Simbólico-visuais

Vértico-horizontalidade		
Alta	l	t r
Média		i f
Baixa		j
	À esquerda	Média À direita

FONTE: Dados da pesquisa

No último conjunto de grafemas, predominam os traços de obliquidade, os quais podem ser simples, duplos e cruzados. O grafema w, por exemplo, é obliquo duas vezes; já o x é cruzado. O k, por sua vez, apresenta dois traços de obliquidade à direita. Esses traços permitem que diferenças sutis das letras funcionem no sistema.

Conjunto 05 de Traços Distintivos Simbólico-visuais

Obliquidade	
Simples	z v
Dupla	w

Cruzada	x	k
	À esquerda	Média
		À direita

FONTE: Dados da pesquisa

O leitor fluente não recorre necessariamente aos símbolos orais, porque durante a alfabetização, já estabeleceu elos e equivalência funcional entre os sons e as letras. De fato, o ritmo da leitura é maior que o da fala. Enquanto um leitor médio lê cerca de 250 palavras por minuto, um locutor fala ao redor de 150 palavras por minuto ao microfone. Em outros termos, a leitura não se submete ao ritmo da fala. Tudo indica que módulos diferentes coordenam suas atividades.

Pode-se dizer que alfabetizar é criar essas correspondências durante o processo de aprendizagem do aluno, levando em consideração que eles passam por diversas fases em seu desenvolvimento, como mostrou Ferreiro (1989).

Pouco importa que o aprendiz passe no algoritmo da aprendizagem “do geral para o particular (sintético)”, do “particular para o geral (analítico)” ou ainda por ambos. O fator decisivo na aprendizagem é que o aluno compreenda o processo, que esteja motivado, para manter sua atenção sintonizada e, especialmente, que possa passar por experiências de recorrência na aprendizagem, pois, só assim os itens contidos no processo serão consolidados na memória de longo prazo (MLP).

O segredo, portanto, seria a compreensão dos fatos contidos na escrita, a motivação para aprender esses fatos e, sobretudo, sua recorrência como fator de consolidação dos mesmos na memória de longo prazo.

Não há magia na alfabetização ou em qualquer outra aprendizagem. Assim como o sistema digestivo humano necessita de certas condições para realizar a digestão dos alimentos, também a estrutura cognitiva tem suas condições de aprendizagem. Por exemplo, o estômago não digere certos alimentos crus; também a estrutura cognitiva não assimila aquilo que não foi compreendido e muito menos consolida como conhecimento aquilo que não se justificou como sendo importante.

Consolida-se, apenas aquilo que foi compreendido e especialmente aquilo para o que foi solicitado espaço várias vezes na rede neuronal. Em outros termos, só é

importante aquilo que ocorrer novamente, por necessidade substancial do entorno. A memória biossocial é altamente seletiva e por isso só consolida as informações de relevância para o organismo. Se o processo cognitivo fosse levado em consideração, a aprendizagem escolar teria menos tropeços pedagógicos.

Essas ideias inovadoras, concordando com Soares (2017), permitem a oxigenação da prática de alfabetização na escola. Mais que denominações artificiais de método **sintético**, **analítico** ou do **construtivismo**, o que falta mesmo é mais conhecimento linguístico e de psicologia cognitiva por parte do alfabetizador.

As letras, representações simbólico-visuais dos sons áudio-orais da língua, formam um sistema funcional e complexo. Para explicá-lo ao alfabetizando, o alfabetizador que o conhecer, pode facilitar o processo de aprendizagem da escrita para o aluno.